

Introdução

Um trabalho fotográfico possui vida própria. É, ou deve ser, justificado por si mesmo.

Cada fotógrafo deve estar consciente da ação de fotografar que, além de "captar imagens", é um registro da sua opinião sobre as coisas, sobre o mundo.

A sua abordagem sobre qualquer tema o define e o expressa.

Há aqueles que só aplicam a técnica fotográfica e outros que a utilizam como meio, extrapolando o seu bidimensionalismo, expandindo-se no tridimensional de informação e da expressão.

Cabe a nós adequarmos a fotografia aos nossos sentimentos, sensibilidade e criatividade.

A fotografia tem linguagem própria e seus elementos podem ser manipulados pelo estudo e a pesquisa ou pela própria intuição do fotógrafo.

Temos que saber que o equipamento nos permite que a fotografia aconteça com certa precisão, mas estes aparatos somente são instrumentos que o fotógrafo utiliza dependendo do seu posicionamento, conhecimento e vivência da realidade que pretende retratar.

O fotógrafo deve utilizar o plano visual com elementos precisos, como se fosse uma "mala de viagem", cuja ocupação requer racionalidade e utilidade dos componentes. É a elaboração criativa destes elementos dentro do quadro visual, que permite a sintetização da idéia na retratação da realidade.

1. Os elementos da linguagem fotográfica

O estudo dos elementos da linguagem fotográfica interessa não só pela capacidade narrativa desses elementos, como também pelo seu conteúdo dramático.

Ocorre com todas as formas de comunicação, e, em particular, com as artes, por terem linguagem própria.

Na fotografia, a linguagem está relacionada às características, aos modos, pelos quais a fotografia existe. Para chegar a seu objetivo, necessita transpor um complexo processo técnico; e é este processo a base da linguagem fotográfica. A base técnica da realização da fotografia determina os elementos da linguagem.

O estudo da linguagem decorre da necessidade de "dizer" alguma coisa e é proveniente de um processo de experimentação dos recursos colocados à disposição da fotografia pela técnica.

Evidentemente, todo avanço técnico enriquece e modifica a linguagem; como exemplo, podemos notar pela história, a mudança nos valores dos elementos da linguagem no surgimento da foto em cores.

Os recursos elementares da base técnica são os filmes e a câmara.

Cada chapa do filme possui uma imagem gravada de uma realidade exterior, obtida através dos controles que a máquina possibilita.

A superfície do filme tem uma dimensão determinada, sejam os cartuchos, os 135, os 120 ou mesmo os filmes em chapas; o processo fotográfico reduz uma realidade tridimensional a uma imagem bidimensional, as objetivas têm determinadas distâncias focais que modificam esta realidade de diferentes formas.

A janela da câmara tem um formato determinado: 18 x 24 mm; 24 x 36mm; 6 x 6cms; 4 x 5 polegadas e outros. Vemos que, ao fotografar a realidade, a câmara já realiza determinadas transformações do real, convertendo-o numa imagem de dimensões determinadas e sujeito a um certo número de limitações. São estas "limitações" que vão ser elaboradas criativamente como linguagem fotográfica.

Como elementos da linguagem fotográfica temos:

01. planos - corte, enquadramento
02. foco - foco diferencial, desfoque, profundidade de campo
03. movimento - em maior e em menor grau, estaticidade
04. forma - contorno, espaço
05. ângulo - posição da máquina
06. cor - gradação de cinzas, as cores
07. textura - impressão visual
08. iluminação - sombras, luzes
09. aberrações - óticas, química.
10. perspectiva - linhas
11. equilíbrio e composição - balanço, arranjo visual dos elementos.

1.1. Planos: Quanto ao distanciamento da câmara em relação ao objeto fotografado, levando-se em conta a organização dos elementos internos do enquadramento, verifica-se que a distinção entre os planos não é somente uma diferença formal, cada um possui uma capacidade narrativa, um conteúdo dramático próprio.

É justamente isso que permite que eles formem uma unidade de linguagem, a significação decorre do uso adequado dos elementos descritivos e/ou dramáticos contidos como possibilidades em cada plano.

Veremos cada plano, usando a nomenclatura cinematográfica para, didaticamente, facilitar as definições dos enquadramentos ajudando seu estudo. Os planos se dividem em três grupos principais:

- os planos gerais
- os planos médios
- os primeiros planos

1.1.1. Grande Plano Geral (GPG)

O ambiente é o elemento primordial. O sujeito é um elemento dominado pela situação geográfica. Objetivamente a área do quadro é preenchida pelo ambiente deixando uma pequena parcela deste espaço para o sujeito que também o dimensiona. Seu valor descritivo está na importância da localização geográfica do sujeito e o seu valor dramático está no envolvimento, ou esmagamento, do sujeito pelo ambiente. Pode enfatizar a dominação do ambiente sobre o homem ou, simbolicamente, a solidão.

1.1.2. Plano Geral (PG)

Neste enquadramento, o ambiente ocupa uma menor parte do quadro; divide, assim, o espaço com o sujeito. Existe aqui uma integração entre eles. Tem grande valor descritivo, situa a ação e situa o homem no ambiente em que ocorre a ação. O dramático advém do tipo de relação existente entre o sujeito e o ambiente. O PG é necessário para localizar o espaço da ação.

1.1.3. Plano Médio (PM)

É o enquadramento em que o sujeito preenche o quadro - os pés sobre a linha inferior, a cabeça encostando na superior do quadro, até o enquadramento cuja linha inferior corte o sujeito na cintura. Como se vê, os planos não são rigorosamente fixados por enquadres exatos. Eles permitem variações, sendo definidos muito mais pelo equilíbrio entre os elementos do quadro, do que por medidas formais exatas.

Os PM são bastantes descritivos, diferem dos PG que narram a situação geográfica, porque descrevem a ação e o sujeito.

1.1.4. Primeiro Plano (PP)

Enquadra o sujeito dando destaque ao seu semblante. Sua função principal é registrar a emoção da fisionomia. O PP isola o sujeito do ambiente, portanto, "dirige" a atenção do espectador.

1.1.5 Plano de Detalhe (PD)

O PD isola uma parte do rosto do sujeito. Evidentemente, é um plano de grande impacto pela ampliação que dá a um pormenor que, geralmente, não percebemos com minúcia. Pode chegar a criar formas quase abstratas.

1.2 . Foco:

Dentro dos limites técnicos, temos possibilidades de controlar não só a localização do foco, como também a quantidade de elementos que ficarão nítidos.

Além disso, podemos, também, trabalhar com a falta de foco, ou seja, o desfoque. Podemos enfatizar melhor um elemento da fotografia sobre os demais, selecionando-o como ponto de maior nitidez dentro do quadro. A escolha depende do autor, mas a força da mensagem deve muito ao foco. É ele que vai ressaltar um certo objeto em detrimento dos outros constantes no enquadramento. A pequena falta de foco de todos os elementos que compõem a imagem pode servir para a suavização dos traços, o contrário acontece quando há total nitidez que demonstra a rudeza ou brutalidade da realidade.

1.3. Movimento:

O captar ou não o movimento do sujeito é também uma escolha do fotógrafo. Às vezes, um objeto adquire maior realce quando a sua ação é registrada em movimento, ou o movimento é o principal elemento, portanto deve-se captá-lo. Outras vezes, a força maior da ação reside na sua estagnação, na visão estática obtida pelo controle na máquina.

1.4. Forma:

Forma não é só contorno; é o modo do objeto ocupar espaço. As possibilidades normais de fotografia, fornecem aspectos bidimensionais da imagem; a forma, enquanto aspecto isolado, pode fornecer a sensação tridimensional. A maneira pela qual a câmara pode fornecer a sensação tridimensional, depende de alguns truques visuais, tais como: a maneira pela qual as imagens são compostas; os efeitos da perspectiva; a relação entre os objetos longe e objetos próximos.

1.5. Ângulo:

A câmara pode ser situada tanto na mesma altura do sujeito, como também abaixo ou acima dele. Ao fotografarmos com a máquina de "cima para baixo" (mergulho) ou de "baixo para cima" (contra-mergulho) temos que nos preocupar com a impressão subjetiva causada por esta visão.

A máquina na posição de mergulho, tende a diminuir o sujeito em relação ao espectador e pode significar derrota, opressão, submissão, fraqueza do sujeito; enquanto que o contra-mergulho pode ressaltar a sua grandeza, sua força, seu domínio. Evidentemente estas colocações vão depender do contexto em que forem usadas.

1.6. Cor:

É a mais imediata evidência da visão. Ela pode propiciar uma maior proximidade da realidade, limitando a imaginação do espectador, o que já não acontece nas fotos preto-

e-branco que nos fornece, nos meios-tons, a sensação de diferença das cores. A escolha de P&B ou colorido, vai determinar diferentes respostas do espectador, já que as cores também são uma forma de sugerir uma realidade enganosa. A cor pode e deve ser usada desde que sob um cuidadoso controle estético.

1.7. Textura:

A textura fornece a idéia de substância, densidade e tato. A textura pode ser vista isoladamente. A superfície de um objeto pode apresentar textura lisa, porosa ou grossa, dependendo do ângulo, dos cortes, da luz...

A eliminação da textura na fotografia pode causar impacto, uma vez que é uma forma de eliminar aspectos da realidade, distorcendo-a. A textura é elemento muito importante para a criação do real dentro da fotografia, embora possa, também, desvirtuá-lo.

1.8. Iluminação:

A iluminação fornece inúmeras possibilidades ao fotógrafo. Ela está interligada aos outros elementos da linguagem, funcionando de forma decisiva na obtenção do clima desejado, seja de sonho, devaneio, ou de impacto, surpresa e suspense. A iluminação pode enfatizar um elemento, destacando-o dos demais como também pode alterar sua conotação.

1.9. Aberrações:

As aberrações podem ser causadas quimicamente ou óticamente.

Todas as deformações da imagem, que a técnica fotográfica nos permite usar, tem conotações bastante marcantes. As deformações, causadas nas proporções das formas dos elementos da foto, fogem à realidade causando um forte impacto. Outras aberrações, como a mudança dos tons, das cores, podem criar um clima de sonho, de "fora do tempo", de irreal. Todas estas mudanças da realidade provocadas intencionalmente pelo fotógrafo, têm como objetivo primordial a alteração do clima da realidade e, portanto, devem ser muito bem elaboradas.

1.10. Perspectiva:

A perspectiva auxilia a indicação da profundidade e da forma, uma vez que cria a ilusão de espaço tridimensional. Ela se determina a partir de um ponto de convergência que centraliza a linha, ou as linhas principais da fotografia.

1.11. Composição e equilíbrio:

Composição é o arranjo visual dos elementos, e o equilíbrio é produzido pela interação destes componentes visuais.

O equilíbrio independe dos elementos individuais, mas sim do relativo peso que o fotógrafo dá a cada elemento. Desta maneira, considera-se que o mais importante para o equilíbrio é o interesse que determinará a composição dos outros elementos, tais como: volume, localização, cor, conceituação. Como todos os outros elementos, o equilíbrio

será conseguido de acordo com os propósitos do fotógrafo, de evocar ou não estabilidade, conforto, harmonia etc.

2. A leitura da imagem fotográfica

Escrever sobre foto me parece algo paradoxal, mas necessário. Para podermos saber mais sobre esta linguagem é necessário sabermos quando e porque ela surgiu. Se observarmos historicamente saberemos que não foram um ou dois homens que a inventaram e sim ela que surgiu de uma necessidade, no início do século XIX, de se documentar e eternizar certos homens e certas situações de uma classe social.

Parece que a fotografia nasceu como um grifo, isto é, o que se fotografava, se valorizava, se perpetuava.

Com o tempo, os fotógrafos de antigamente foram aprendendo e ampliando o uso desta linguagem.

As câmaras e materiais foram dando possibilidade da foto ir mais longe e falar sobre outras coisas.

A imagem fixa foi usada como um fim durante um bom tempo. Mas assim que se descobriu que atrás daqueles rostos dos primeiros retratos havia um certo mistério, um querer dizer, a foto tomou o seu verdadeiro rumo. Percebeu-se a sua força como uma linguagem universal e atemporal.

Talvez esteja aí a dificuldade que sentimos quando desejamos ler uma imagem, ficamos perdidos nesta complexidade de linguagem sem regras gramaticais e dependendo da nossa leitura e riqueza de visão de mundo.

Muitas pessoas relacionam o fazer boas fotos ao domínio de uma técnica e equipamento. Para mim foi mais fácil quando percebi que além deste lado objetivo, percebi o subjetivo e a inter-relação dos dois. O primeiro não é de domínio difícil, já o segundo, depende da cabeça, da vivência, da sensibilidade e o terceiro da criatividade. Está nesta terceira hipótese todo o entendimento dessa linguagem. Quando se percebe que a foto é o que significa, passa-se a colocar toda a técnica a serviço da subjetividade.

Nossa postura hoje diante da documentação e expressão que a fotografia nos possibilita sofre a pressão dos conceitos e pré-conceitos sociais. O que é fotografável para você? Pense e repare que é igual ao que seus avós pensavam e seu padrão de "beleza" igual ao de todos. Ora, para que serve a foto como meio de expressão, se você produz o mesmo que os outros, mostrando assim o seu lado massificado e não usando isso como meio de exercícios do próprio indivíduo?

A linguagem da imagem é tão complexa como o homem, por isso é atraente e misteriosa. Seus símbolos e signos modificam de leitura durante os tempos e em outros espaços, sua falsa estabilidade toma movimento não fora de você (ali na moldura) e sim lá dentro no seu íntimo.

Ver uma fotografia não é só reviver, é viver, é aprender, é sentir e sentir.

O objeto foto me parece a máquina do tempo, o elo que me conduz ao encontro (e reencontro) de pessoas, ideais e locais. Olho o papel e vejo de uma vez só, e com um certo impacto, uma idéia. Sei que aquilo não é a coisa propriamente dita e sim sua representação gráfica, mas me leva ao seu conteúdo através de alguém - fotógrafo - o qual se torna o meu mediador. A imagem está lá discutida por nós três, isto é, a própria imagem (denotada), o meu interlocutor (o fotógrafo) e eu (o espectador).

Quanta coisa sai, que movimento aqueles símbolos vão tomando!

Meu desenvolvimento aumenta e nessa medida cada vez mais surgem significados e leituras.

Na busca do "real" me levo a fotografar da mesma forma que levou Daguerre a largar seus pincéis e começar a usar uma máquina fotográfica. Fotografo o que acredito ser real, e esta idéia me atrapalha dentro de uma filosofia dualista que aprendemos, do é ou não é, do bem e do mal, etc..

De repente a fotografia mostra o terceiro lado: o do pode ser...

A imagem esta aí para ser retratada, lida, consumida, sempre a serviço de uma idéia. O que é necessário é crescer o homem para que com mais crítica e posicionamento possa ter a liberdade de ir e vir não só no espaço, mas também no tempo.

Cláudio Feijó é fotógrafo e professor de fotografia. É proprietário da Escola Imagem-Ação, de São Paulo.